

ONDE ESTAMOS, PARA ONDE VAMOS, E QUEM IRÁ OLHAR POR NÓS?

JOÃO TICUNA



COMPLETANDO TRÊS MESES E ALGUNS DIAS NESSA QUARENTENA INTERMINÁVEL, após mergulhar a cara nas mídias sociais para me informar ao máximo possível sobre os últimos acontecimentos nessa cidadezinha pacata do interior do Amazonas, nas confluências da tríplice fronteira, onde ainda me encontro devido ao surto da pandemia do covid-19 no Amazonas, e principalmente em todo o trapézio amazônico, atingindo grande parte da população urbana, e principalmente aos povos originários que habitam essa região, como os ribeirinhos, e também as comunidades tradicionais não indígenas, que se localizam as margens dos rios Solimões e Javari. **A SITUAÇÃO SE AGRAVA DIARIAMENTE, COM INFORMAÇÕES DE MAIS CASOS CONFIRMADOS, EM SUA MAIORIA DESTAS POPULAÇÕES, QUE SOFREM COM A FALTA DE ESTRUTURA MÉDICA E SOCIAL NESTA ÁREA QUE ESTÁ SENDO ARRASADA PELO VÍRUS DO COVID-19. IA EU FAZER MINHA PESQUISA DE CAMPO NUMA**

ALDEIA TICUNA DE OUTRO MUNICÍPIO VIZINHO, MAS SÓ FIQUEI A VER NAVIOS, OU MELHOR, USANDO-ME DE UM TERMO MAIS REGIONAL, SÓ FIQUEI DE “BUBUIA”, POIS NÃO POSSO SAIR ATÉ QUE TODA ESSA SITUAÇÃO SEJA REPARADA. LOGO NO INÍCIO QUANDO CHEGUEI AQUI NESSE “FIM DE MUNDO”, TAMBÉM PENSEI COMO A MAIORIA DOS CONTERRÂNEOS DA TRÍPLICE FRONTEIRA, DE QUE ESSA DOENÇA NÃO IRIA NOS ALCANÇAR, E QUE SE CHEGASSE NÃO SERIA COM TANTA FORÇA. Fazer o que, foram tomadas medidas tardias demais, pois as autoridades competentes demoraram muito em decretar *lockdown*, depois de me convencer de que realmente era necessário alertar as pessoas da gravidade da situação que estava se aproximando, e então tomei a liberdade de falar com o máximo de pessoas vindas do Peru e Colômbia para evitarem transitar de forma constante nos rios. Mas para compreender de o porquê que até esse momento o fluxo de idas e vindas dessas pessoas, ainda está acontecendo mesmo com todos os decretos e medidas tomadas pelos

municípios e adjacências, faço aqui uma reflexão em poucas linhas passo a passo.



Fonte: arquivo pessoal. Cumprindo a quarentena ao lado dos meus, torcendo para que os dias tenebrosos passem logo.

HOJE ME ENCONTRO
PRESO EM CASA SEM SABER AO
CERTO COMO ESTÃO ESSAS
PESSOAS QUE SÃO PARTE DE
MIM, OU COMO DIZEMOS NA
NOSSA LÍNGUA
DAU'CUENACÛÃGÛ(OS DE CIMA),
E DÓI SABER QUE AS POLÍTICAS
PÚBLICAS QUE TANTO ENCHEM A
BOCA PARA FALAR EM TEMPOS
DE POLÍTICA, não estejam
adiantando de quase nada numa

tentativa de conter um vírus que já está por toda a tríplice fronteira, e que infelizmente chegou com muita força entre as populações originárias, do famoso “pulmão do mundo”. As prefeituras municipais, juntamente com outros órgãos competentes, como a Polícia Militar, Guarda Civil Municipal, Exército (“braço forte, mão amiga”), Aeronáutica, Marinha, e também o famoso Dsei (Distrito Sanitário Especial Indígena), tem tentado conter “a todo custo” a propagação deste inimigo invisível, que a maioria, no início estava tratando como uma “gripezinha”, assim como nosso próprio governante afirmou em seu discurso.

Muitas aldeias e comunidades ribeirinhas abandonadas à própria sorte, por não ter uma assistência correta, e ainda pedem para que essas mesmas pessoas fiquem em suas casas, e parecem se esquecer de que essas pessoas necessitam, todos os dias, sair bem cedo de suas casas para buscar algo para dar de comer aos seus filhos e familiares. Quando não é isso, eles tem que se deslocar para os centros urbanos, atrás de insumos que não

tem nas aldeias, como açúcar, sal, laticínios, e materiais de necessidade básica que só se encontra nos municípios, já que nem todos conseguem ser contemplados com as cestas básicas, pois há lugares de muito difícil acesso, e que infelizmente acaba não alcançando a todos. E como esperar pelo governo na maioria das vezes é perda de tempo, por conta disso acaba se tornando necessário vender sua força de trabalho em troca de ter o que comer no dia seguinte. Tem que trocar primeiro seus produtos por cédulas de papel para poder comprar o que precisam, mesmo com os preços abusivos que os patrões estão cobrando em seus estabelecimentos, afinal de contas aqui já estamos vivendo em cenários de filmes de ficção científica sobre o fim do mundo, onde quem tem oferece, e quem não tem “se vira nos trinta”, pois agora é tudo pela demanda e oferta, pois não se pode deixar o capitalismo morrer. Não tem para onde correr, ou se morre de fome ou de coronavírus. Não há muita escolha, já que nas aldeias a produtividade das rocas e chácaras não tem sido mais em grande


quantidade como antes, não se tem mais tanto peixe, e animais de caça em abundância como antigamente, mas agora já tem a “ajuda” do governo, pelo menos é o que dizem.



Fonte: foto registrada por um funcionário público, de aglomeração permanente no porto de Tabatinga- AM, município que faz fronteira com Leticia- AM, Colômbia.

Pensou se em oferecer como sempre “migalhas”, para toda a população para acalmar os ânimos das “minorias”, como sempre oferecendo a nós “pentes e espelhos”.

Chegado o dia de receber o “auxílio emergencial” (auxílio paletó de



madeira), o que se presencia são filas enormes que dão do início da porta da única casa lotérica que tem no município, até as ruas que dão acesso ao mesmo, e se encontram cidadãos e ribeirinhos disputando por uma vaga para poder botar a mão na grana que vai ajudar a tirar a barriga da miséria por alguns dias se for usado corretamente. Como de costume, o fluxo das populações nativas é constante nos municípios, se há algum auxílio, ou promessa de ajuda de políticos, ou acessar algum benefício, chega a contagiar todos eles, os atraindo cada vez mais as áreas urbanas de grande proliferação da doença. Entre risadas e brincadeiras se ouve “só quero garantir o meu”, da parte dos “civilizados”, que ainda não se convenceram da seriedade da situação, mesmo com algumas mortes já confirmadas por coronavírus. Debaxo daquele sol escaldante se aglomeram quem mais foi afetado com isso até agora, nós Ticuna, e também nossos parentes Kokama entre outras etnias que vivem as margens dos rios, tais populações que já perderam vidas pelo contágio do coronavírus, por não cumprimento de decretos sancionadas pelas

autoridades, pedindo para que se aquietem em casa, pois são um “*bando de selvagens*” mesmo, que não sabem obedecer os decretos municipais, são os discursos de alguns que estão na linha de frente. Pensassem eles de como é difícil trabalhar com “parentes”, pois cada um tem sua especificidade, devido a diferentes formas de contato no passado e também por ser um fato inédito para eles, pois muita gente ainda nem sabe sequer como lidar com tudo isso. Onde está o atendimento diferenciado? É só mais uma falácia pelo visto. Não tem sido diferente nos municípios vizinhos, com aglomerações constantes nos portos, nos estabelecimentos comerciais, e principalmente nas agencias bancarias, tais lugares que viraram os piores inimigos para a saúde das populações amazônicas, contribuindo ainda mais com o numero crescente de infectados e causando mortes aos montes.




Fonte: TV Fronteira O Tambaqui. Imagem do primeiro dia da população realizando o primeiro saque do Auxílio Emergencial, no município de Benjamin Constant – AM.

O que me levou a pensar numa outra medida que parecia resolver o problema da maioria dos estudantes brasileiros, já que não se sabe quando vamos poder voltar para as salas de aula. Ofereceram então aulas online, educação a distância é tal, coisa que não é novidade para ninguém que vive próximo a uma grande metrópole, ou quem pode se dar ao luxo de acessar uma boa rede de internet. Talvez faltou um pouco, ou muita aula de geografia aos nossos “representantes”. Será que eles se esqueceram de que

estamos no “fim de (o) mundo? Mal sabem eles que aqui as coisas funcionam a passos largos, na mesma velocidade do andar de um jabuti. Alguns lugares nem sequer escola tem, quanto mais acesso ao mundo globalizado. Durante os anos que acompanhei alguns trabalhos da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), me deparei com uma realidade que os municípios tentam esconder, e que maquiam muito bem para que no final do semestre saia tudo perfeito com todos os alunos aprovados. Situações que ainda permanecem até os dias atuais.

O ACESSO À INFORMAÇÃO AINDA SE DÁ ATRAVÉS DO DESLOCAMENTO DELES AOS CENTROS URBANOS, VISTO QUE AINDA NÃO HÁ REDES DE COMUNICAÇÃO PRÓXIMA A ELES, E ISSO DIFICULTA AINDA MAIS SABER O QUE, E COMO ESTES ESTÃO ALI DO OUTRO LADO, QUAIS MEDIDAS JÁ FORAM TOMADAS. TEM SE FEITO POUCO CASO, SEM DIFERENÇA ALGUMA DE ONDE ME ENCONTRO.

Por outro lado, o fanatismo religioso entre as populações indígenas também tem causado muitos



malefícios no meio de muitos. É certo que a forte atuação da Igreja Mundial do poder de Deus entre o povo Ticuna, tem contribuído com a rápida proliferação dessa doença em todas as áreas onde habitam o meu povo. Foi noticiado nas mídias, onde numa ocasião, em comemoração ao dia das mães, se encontravam pessoas oriundas da tríplice fronteira. Pois o mesmo pastor dessa igreja convenceu a maioria dos Ticuna que isso é uma doença só dos “brancos” e que quem tiver Deus no coração não irá passar por essa provação. E a situação segue presente até o momento.


Onde estão nossos “defensores”? Quando mais precisamos deles? E onde nós nos encontramos em tudo isso? quando o caldo está cada vez mais engrossando pro nosso lado? A resposta é simples, no mesmo lugar onde sempre estivemos desde o início da conquista destes territórios, em último plano, pois assim como as vidas dos “favelados” nos grandes centros urbanos, nossas vidas valem menos que a deles (tomagü). Teria sido bom se nunca tivessem chegado aqui, assim não estaríamos tendo

nossas vidas sendo ceifadas por doenças que não são do nosso mundo.

**LEMBREI-ME DAS
HISTÓRIAS QUE MEU FALECIDO
AVÔ ME CONTAVA SOBRE
ALGUNS MALES QUE ELES
VIVENCIARAM NO PASSADO,**

onde eles tinham que se isolar nas áreas mais longínquas possíveis para se abrigar e se protegerem, talvez era o que eu devia ter feito logo no início, mas infelizmente os tempos agora são outros. Talvez seja essa “a queda do céu” que o parente Davi Yanomami havia nos alertado, ou a terceira guerra mundial. Já vejo cruces em algumas portas, boatos de feijões mágicos que curam, e cabelo encontrado em bíblia como formas de se salvar e até anúncios do apocalipse nas bancas de gasolina.

E meu povo como sempre, tentando ir atrás de um salvador que ainda não chegou, desde o dia que ele levou consigo o mundo encantado onde tudo era possível somente com a força das palavras e nada se conhecia de doença dos alienígenas que aqui chegaram e nos fizeram brasileiros, peruanos e colombianos, e que dizem que



todos estamos no mesmo barco, talvez a canoa esteja, cheia de furos e esteja faltando estopa para calafetar as brechas. Ouvimos notícias de que tem gente atravessando as fronteiras só para espalhar a doença, não sei até que ponto chega a ser real estes boatos (mas tudo é possível), se noticiam casos confirmados em agentes da frente de combate, que seguem trabalhando assim mesmo, oferecendo mais risco ainda a própria vida e a dos demais. Vivemos em uma negligência total de nosso direito pela vida, e numa total idiocracia (mistura de burrice, idiotice, com autocracia).

Hoje de manhã enquanto ainda escrevia me vem a notícia de que na aldeia da minha família materna, no Peru, sofremos a primeira perda de um tio meu que na última vez que estive de visita na aldeia se encontrava em ótimas condições físicas e mentais, com a idade já meio avançada, sendo classificado como pertencente ao grupo de risco, veio a óbito, e que os outros também se encontravam doentes, como minha vizinha querida, mas me alegrou saber que já estavam se recuperando, com

tratamento das nossas próprias medicinas da natureza.

MAS É NECESSÁRIO QUE O TRABALHO DE FORMIGUINHA NÃO PARE, EU DAQUI, VOCÊ DAÍ, VAMOS CONSCIENTIZAR NOSSOS PRÓXIMOS, PRINCIPALMENTE NOSSOS ANCIÃOS PARA QUE NO AMANHÃ TENHAMOS COM QUEM APRENDER PARA SEGUIR ENSINANDO NOSSAS HISTÓRIAS AS NOSSAS FUTURAS GERAÇÕES, QUE NEM FAZEM IDEIA A MAIORIA DAS VEZES SOBRE O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO.

Queria eu que tudo isso não passasse de um sonho, mas todo dia que acordo me deparo com mais notícias pesadas para qualquer ser humano, principalmente quando as notícias se referem ao povo Ticuna, do qual faço parte.



Fonte: Arquivo pessoal: Na foto, transito diário de pessoas no porto de Leticia-AM (CO), quando a necessidade fala mais alto que o medo de ser contaminado pelo covid-19.

A SENSACÃO DE REVOLTA É MAIOR QUE A DA DOR, POIS NÃO SE SABE AO CERTO SE OS RECURSOS QUE FORAM LIBERADOS PARA ATENDER ESSAS POPULAÇÕES EM FASE EMERGENTE, ASSIM COMO O MEU POVO, ESTÃO SENDO DE VERDADE APLICADOS. MAS UMA COISA É CERTA, ASSIM COMO DIZEM MEUS MAIS VELHOS, “QUANDO A GENTE MAGÜTA DESAPARECER, O MUNDO INTEIRO IRÁ SE ACABAR”.

SOBRE O AUTOR:

João Ticuna é antropólogo e mestrando em Antropologia Social pelo programa de pós graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-PPGAS/MN/UFR

Contato: shengshuang180@gmail.com

Imagem da Capa: acervo do Museu Magüta, o primeiro museu indígena do Brasil.

Edição: Pachamama Editora